

---

# Emigração portuguesa para Colmar durante o Estado Novo

A organização de uma comunidade

---

**Francisco Esteves**

Iscte, Instituto Universitário de Lisboa

---

OEm Working Papers

09

abril de 2022

---

A entrada para os anos 60 marcou uma mudança na tipologia da emigração portuguesa, caracterizando-se por uma recentralização dos fluxos migratórios para o continente europeu, no qual França assumiu principal destaque. Dentro do vasto corpo bibliográfico construído à volta do tema da emigração portuguesa para França, a ausência de estudos sobre as numerosas comunidades portuguesas da Alsácia motivou a elaboração de um estudo sobre os portugueses de Colmar. Este artigo constitui uma primeira tentativa de desenhar a organização da sua comunidade nos primeiros tempos.

---

**Palavras-chave** Emigração portuguesa, Colmar, comunidade, associativismo

**Title** Portuguese emigration to Colmar during *Estado Novo*: the organization of a community

**Abstract** The early 1960s marked a change in the typology of Portuguese emigration, characterized by a shift of the migratory flow to the European continent, featuring France as its main destination. Within the vast literature on Portuguese emigration to France, the lack of studies focused on the Portuguese communities of Alsace prompted the elaboration of a paper on the Portuguese in Colmar. This paper constitutes a first attempt at drafting the organization of the Portuguese community in its early times.

**Keywords** Portuguese emigration, Colmar, community, associativism

**Receção** 13 de março de 2022

**Aceitação** 31 de março de 2022

#### **Divulgação pública autorizada**

O Observatório da Emigração incentiva a divulgação de seu trabalho. É permitido copiar, descarregar ou imprimir este conteúdo para uso pessoal e profissional, bem como incluir excertos desta publicação em documentos, apresentações, blogues, sítios e materiais de ensino, desde que o Observatório da Emigração seja devidamente identificado como fonte.

#### **Notação**

Nas publicações do Observatório da Emigração usa-se a notação anglo-saxónica dos números: os milhares são separados por vírgulas e as casas decimais por pontos.

#### **Observatório da Emigração**

Av. das Forças Armadas, ISCTE-IUL, 1649-026 Lisboa, Portugal

Tel. (CIES-IUL): + 351 210464018

E-mail: observatorioemigracao@iscte.pt

www.observatoriodaemigracao.pt

## Índice

|  |    |
|--|----|
| Índice de figuras .....  | 4  |
| Introdução.....  | 5  |
| 1 Portugal no ocaso do Estado Novo (1960-1974) .....                               | 9  |
| 2 Os portugueses na França do final dos Trinta Gloriosos (1960-1974).....          | 12 |
| 3 Para os lados do Reno: Colmar e a Alsácia no quadro da emigração portuguesa..... | 14 |
| 4 Os portugueses de Colmar .....   | 16 |
| Notas finais.....  | 24 |
| Referências bibliográficas .....   | 26 |

## Índice de figuras

|          |   |    |
|----------|---|----|
| Figura 1 | Quadro dos sócios fundadores do Centro Português de Colmar .....              | 22 |
| Figura 2 | O interior da sede atual do Centro, localizada na Route de Neuf-Brisach ..... | 22 |
| Figura 3 | A equipa principal do FC Portugais de Colmar na época 1970/1971 .....         | 23 |

## Introdução

A emigração é uma constante que permeia a história portuguesa. Percecionada como um elemento estrutural que remonta ao início do período moderno com o início da colonização da Madeira (Serrão, 1970), a emigração portuguesa, enquanto processo, conheceu vários ciclos (Baganha, 1994), do qual importa destacar o ciclo francês para o propósito temporal deste artigo.

Conhecendo o seu início por volta do final da década de 50 com a “refocalização” dos fluxos migratórios portugueses para o plano europeu, este novo ciclo migratório substituiu o ciclo transatlântico que se havia afirmado como dínamo da emigração portuguesa desde o início do período contemporâneo (Pereira, 2001). A reconfiguração encontra-se por um lado numa atitude mais restritiva por parte do Brasil (Serrão, 1985; Volovitch-Tavares, 2006a) e também dos Estados Unidos (Williams, 1982) a partir da Grande Depressão, mas as suas causas mais profundas derivam da vertiginosa reconstrução económica que se operou na Europa Ocidental no seguimento da Segunda Guerra Mundial, no qual a rápida industrialização deste conjunto de países (dos quais se destacam França e a República Federal Alemã) ditou a afluência de mão-de-obra estrangeira como essencial para potenciar o seu desenvolvimento (Cross, 1983).

Ainda que Portugal não fosse ter um papel relevante no início deste intenso movimento populacional (do Sul para o Norte da Europa) que caracterizou os Trinta Gloriosos,<sup>1</sup> o volume migratório português assumiu grandes contornos a partir dos anos 60. Entre 1960 e 1974 um milhão e cem mil portugueses emigraram para o continente europeu (75% da emigração total neste período), num fluxo que se dirigiu principalmente para França (Baganha, 1994). No caso francês, os cerca de 870 mil portugueses que entraram no país neste período (Baganha, 1994) fizeram a população portuguesa neste país aumentar de 50 para 759 mil entre 1962 e 1975, tornando-a na mais volumosa comunidade estrangeira em França (Lebon, 1989). Em termos relativos, pouco menos de 10% da população nacional (9.06 milhões em 1974) emigrou para França durante este período (Valério, 2001).

A academia portuguesa cedo tomou interesse por este novo ciclo migratório europeu dada a sua dimensão e a extensão do seu impacto nas dinâmicas nacionais. Autores como Joel Serrão (1982), Vitorino Magalhães Godinho (1978) e Almeida e Barreto (1974) escreveram de forma abrangente sobre a sua dimensão económica, social e política, esquematizan-

---

<sup>1</sup> Denominou-se assim ao período que se estende desde o final da II Guerra Mundial até à Primeira Crise do Petróleo (1945-1973), caracterizado por um crescimento económico inédito na Europa.

do desde logo uma imagem geral deste fenómeno do ponto de vista nacional. As contribuições de outras disciplinas para o estudo mais específico da emigração francesa complementaram este movimento e vieram de todos os campos,<sup>2</sup> numa descrição que se desdobrará por subtemas e que não se pretende exaustiva.<sup>3</sup>

As dimensões estatísticas da emigração portuguesa para França foram estudadas na sua vertente quantitativa numa primeira fase por João Ferreira de Almeida (1964), algo que Michel Poinard (1971) complementou (especialmente a um nível qualitativo) com um estudo focado nas causas desta nova corrente emigratória e alguns dos seus aspetos demográficos e geográficos. Desde então, a generalidade tem dado lugar a estudos de maior especificidade. A sua implicação na economia nacional (Baganha, 1994), a análise demográfica e profissional dos imigrados (Condon, 2000; Échardour, 1996) e a elaboração de *dossiers* estatísticos sobre os portugueses de França (Lebon, 1989) contam-se entre os inúmeros contributos para a compreensão deste fenómeno do ponto de vista qualitativo e quantitativo.

No estudo das dinâmicas internas das comunidades portuguesas em França, Maria Beatriz Rocha-Trindade estudou pioneiramente os portugueses de Orsay, fazendo emergir os fortes laços que unem estes conterrâneos entre si e às suas origens (na sua maioria provenientes da aldeia de Queiriga, no distrito de Viseu) (Rocha-Trindade, 1973). O estudo das redes de sociabilidade e solidariedade no interior da comunidade e a exploração das suas ligações com a terra-natal mereceram também especial destaque por Michel Poinard e Marie-Antoinette Hily (Poinard & Hily, 1983; Hily & Poinard, 1985), contribuindo para o relevar do movimento associativo português e da expansão de conceitos-chave como o *retorno* e o *vai e vem* (Poinard, 1979; Hily & Poinard, 1997).<sup>4</sup>

Na esfera laboral, António Teixeira de Sousa (1972, 1973) e Eduardo Serra (1973) colocam em enfoque os trabalhadores operários portugueses em Paris na década de 70, dissecando as relações operariado-patronato-sindicatos e explorando as condições de habitação e trabalho encontradas por estes, além de outras considerações como a marginalidade enfrentada no local de trabalho e os projetos de retorno. A abordagem multifacetada dada por Ma-

---

<sup>2</sup> Por exemplo, os estudos sobre a e/imigração portuguesa na academia francesa organizaram-se à volta de um grupo coordenado de investigação no Centro Nacional de Pesquisa Científica francesa (GRECO 13 CNRS) sobre as migrações internacionais que surgiu nos finais da década de 70. Cordeiro, Albano (2017), "Les Portugais de France en tant que sujet de recherche universitaire et contractuelle des années 1970 aux années 2000", *Cahiers de l'Urmis*, 17.

<sup>3</sup> O tema da literatura sobre a emigração/imigração portuguesa para França já se encontra bem analisado noutros trabalhos académicos. Ver Marques, José Carlos, Pedro Gois, Pedro Candeias e Bárbara Ferreira (2019), "França", OEm Country Reports, 5, Lisboa, Observatório da Emigração, CIES-IUL, ISCTE-IUL, DOI: 10.15847/CIESOEMCR052019

<sup>4</sup> Variados contributos para uma melhor compreensão dos aspetos da emigração portuguesa para França têm vindo do estudo de comunidades de emigrantes retornados. Ver por exemplo Portela, João e Sílvia Nobre (2001), "Entre Pinela e Paris: emigração e regressos", *Análise Social*, XXXVI (161), pp. 1105-1146.

rie-Christine Volovitch-Tavares (1995, 1997, 2002, 2006a, 2006b) no estudo deste ciclo migratório abrangeu também o espectro habitacional e laboral dos trabalhadores portugueses em Paris sob o prisma das bidonvilles, incidindo especialmente sobre questões de marginalização e exclusão social levantadas pela vivência dos portugueses neste espaço de simultânea degradação e coesão social.

Nas dimensões políticas da emigração, a análise transversal de Victor Pereira sobre a relação entre o Estado Novo e a emigração portuguesa para França trouxe um retrato vivo do poder estatal nas dinâmicas migratórias, no qual os condicionalismos político-administrativos colocados pelo regime relegaram o emigrante para uma posição de fragilidade e vulnerabilidade *vis-a-vis* o processo de emigração e a integração na sociedade de acolhimento, contribuindo por sua vez (pela saída do país) para a aceleração da modernização nacional (Pereira, 2014).

Dentro das questões relacionadas com a identidade e o posicionamento da comunidade portuguesa no xadrez social francês, Albano Cordeiro questionou a “boa” integração dos portugueses na sociedade francesa pelo prisma da invisibilidade, no qual a sua ausência do espaço público francês supostamente refletora (aos olhos dos media e dos decisores políticos) de uma suposta integração total esconde uma estratégia “de integração parcial por discrição” face a uma sociedade de acolhimento que focou as suas atenções nos malefícios da imigração magrebina (Cordeiro, 1989, 1997a, 1997b; Hily & Cordeiro, 1999), o que é retomado por Victor Pereira no âmbito desportivo com a utilização do futebol entre os portugueses enquanto vetor de afirmação, transmissão e valorização identitária (Pereira, 2012, 2017).

Também dentro do tema da integração, Maria Engrácia Leandro (1995) estudou as dinâmicas de integração social dos portugueses em Paris na década de 90 sob o prisma familiar. Complementando temporalmente o estudo comparativo de Brettell e Boisvert (1977) sobre as zonas de Paris e Poitiers nos anos 70, o estrito individualismo familiar de outrora dá lugar ao desenvolvimento de mecanismos de interação caracterizados pela solidariedade interétnica e uma focalização da socialização no espaço privado, que se materializam na reconstrução de uma identidade que incorpora elementos socioculturais luso-franceses, conducentes a um processo de embrenhamento progressivo no tecido social francês.

Tendo em conta este vasto corpo documental que sintetizei nos parágrafos cimeiros, a incidência geográfica do estudo da emigração tem recaído de grosso modo no eixo longitudinal que liga Paris à fronteira sudoeste,<sup>5</sup> identificado por Michel Poinard (1993) como as regiões de maior concentração de população portuguesa, matizada na ligação ferroviária *Sudex-*

---

<sup>5</sup> Ver por exemplo os estudos dedicados às regiões do Centro e do Sudoeste. Barou, Jacques (1997), “En Auvergne, une immigration portugaise en milieu rural”, *Hommes et Migrations*, 1210, pp. 43-59; Vaz, Manuel Dias (2013), “Histoire d’une immigration portugaise. Le rôle de la région Aquitaine”, *Hommes & migrations*, 1302, pp. 154-156; Kotlok-Piot, Nathalie (1996), “La communauté portugaise de Cerizay (79)”, *Espace, populations, sociétés*, 2-3, pp. 349-354.

*press* (Hendaia a Paris). Por outro lado, em regiões em que a presença portuguesa se fez sentir de uma forma relativamente intensa, mas deslocada na continuidade do território francês, como a Alsácia, é notável a ausência de estudos de maior profundidade sobre os seus portugueses (Frey, 2009).

Neste sentido, este artigo tem como objetivo delinear um esboço inicial do estudo dos portugueses de Colmar no quadro geral da emigração para França durante o seu período áureo (1960-1974). Introduzindo com uma caracterização geral dos fatores que potenciaram e condicionaram o processo migratório do lado português e francês, o foco penderá principalmente sobre as especificidades da emigração portuguesa para Colmar no contexto alsaciano. A elaboração de um breve retrato sobre as vagas migratórias e uma tentativa de definição estatística darão lugar à análise do trajeto inicial migratório de um dos primeiros emigrantes portugueses, que terá como objetivo discernir essencialmente sobre os principais obstáculos encontrados pelos *primoarrivants* e identificar as formas e espaços de sociabilidade e assistência que pautaram o seu novo *framework* social. Neste sentido, uma primeira tentativa de definição das instituições que modelaram o desenvolvimento e a organização das dinâmicas inter e intracomunitárias contribuirá para uma melhor compreensão do período inicial da formação de uma comunidade portuguesa.

De forma a atingir esses objetivos, recorri a uma metodologia que assenta em dois eixos centrais. A primeira pode ser designada pela construção de um corpo documental secundário que assentou no levantamento, identificação, sintetização e articulação dos inúmeros estudos associados ao meu objeto de estudo. Este processo contínuo de consulta e aprofundamento da análise levou ao estabelecimento de uma base conceptual e empírica que esteve em constante diálogo com o eixo mais dinâmico da minha investigação, que diz respeito à construção e utilização de fontes orais.

O segundo eixo pode ser definido de uma forma lata como a utilização de testemunhos orais: esta metodologia permite uma construção ativa de fontes primárias, chamando para o plano central os atores históricos individuais que foram o sujeito primário da experiência migratória e que não tiveram a oportunidade de participar na história dos documentos escritos (Oliveira, 2010). Face à escassez e à dificuldade de acesso a fontes escritas sobre a presença portuguesa em Colmar, a recolha de informação oral na base de entrevistas constituiu-se como uma parte essencial para a realização deste trabalho. As entrevistas, realizadas numa base individual e seguindo um formato estruturado ou não-estruturado, decorreram entre fevereiro e março de 2022 na vila de Colmar e reuniram 20 entrevistados (portugueses de primeira e segunda geração), fazendo parte de uma investigação mais abrangente que tem como pano de fundo a elaboração de uma dissertação de mestrado.



## 1 Portugal no ocaso do Estado Novo (1960-1974)

Na entrada para a década de 60, Portugal era cada vez mais um país isolado na arena internacional. A senda da descolonização que começava a trazer os ventos da mudança para África enfrentava nas possessões coloniais portuguesas uma forte resistência de Salazar face a possíveis aspirações independentistas, cuja conceção lusotropicalista empurraria o país para uma Guerra Colonial a partir de 1961. A posição irredutível de Salazar era partilhada por poucas ou nenhuma potências coloniais europeias (Pereira, 2017), mas a continuação de uma política de isolamento começava a mostrar claramente as suas fragilidades nos domínios económico e financeiros, o que revelaria a insustentabilidade do modelo conservador salazarista e levaria à efetivação de mudanças profundas em todos os domínios da vida portuguesa.

Apesar da posição tradicionalmente conservadora, o tímido aceno de Salazar às influências modernizadoras europeias com a entrada na EFTA em 1960 (como citado em Pereira, 2009) significava um reconhecimento tácito da insustentabilidade do *status quo*, ou seja, da insustentabilidade da manutenção do isolamento económico português dos mercados exteriores (Pereira, 2014). A competitividade económica que o fim deste isolamento exigia pressupunha a libertação e racionalização da sua capacidade produtiva, o que por si implicava uma abertura do sistema corporativista-mercantilista (Foucault, 2004) e aparecia como um elemento de possível desestabilização a variados níveis.

Em primeiro lugar, a necessidade eventual de uma mão-de-obra mais qualificada e reduzida embatia na escassa valorização estatal da formação profissional e escolar da sua população, que durante tanto tempo havia servido como um guarnecimento de apoios por parte do patronato agrícola e industrial (Leeds, 1982; Pereira, 2009, 2014), fruto de uma política que procurava retardar a modernização dos seus processos de produção e garantir uma mão-de-obra abundante, flexível e barata.

Em segundo lugar, a modernização económica significava a criação de um excedente (ainda maior) de mão-de-obra que as indústrias urbanas emergentes não conseguiriam absorver, e que a dificuldade no acesso às terras e ao trabalho já impeliavam (causada por uma crescente pressão demográfica), que encontraria nos atrativos salários do estrangeiro uma opção viável para a sua precariedade (Volovitch-Tavares, 2006a).

Neste sentido, esta fuga e possível valorização da mão-obra contribuiriam para uma erosão das bases de apoio tradicionais do regime que beneficiavam desta abundância e indiferenciação, bem como o perigo do aumento salarial (dada a redução da procura laboral) e

da correspondente inflação, cujo controlo era uma das prioridades na política económica e fiscal (Leeds, 1982; Pereira, 2009, 2014).

De forma a lidar com as pressões político-sociais, o Estado vai seguir uma política interna que se vai pautar pela ambiguidade e pelo seu cariz ilusório (à qual Victor Pereira denominou *politique en trompe l'oeil*), cujo seu foco principal será a tentativa de equilíbrio da manutenção da ordem social vigente com a aceitação tácita de uma modernização económica. Neste sentido, a sua conduta em relação à questão emigratória vai-se guiar pela adoção de uma postura conservadora no papel, mas salutar na sua prática (Pereira, 2002, 2006, 2009, 2014).

Esta duplicidade era notável no plano legislativo-ideológico. A legislação antiliberalista em relação à emigração emerge como um emaranhado opaco que deliberadamente dificultava a saída para destinos que não se enquadravam no projeto colonizador do Estado Novo (Paulo, 1998). Permeada pela ineficiência e arbitrariedade na atuação das suas instituições administrativas responsáveis (Junta de Emigração e Câmaras Municipais), a saída pela via legal emerge como um sem-fim de despesas e requisitos que fragilizam e marginalizam os candidatos, retirando-lhes a legitimidade e a agência nas suas ambições (Pereira, 2009).

Os efeitos perniciosos destes fatores político-económicos imbricavam também em condicionantes sociais. A quási inexistência de apoio e proteção social à larga maioria da população (trabalhadores agrícolas) até ao início dos anos 70 denotava a distância existente a população rural e o poder político (Costa, 2011). Abandonadas à sua sorte por um Estado que se afirmava como protetor de influências perniciosas à manutenção da hierarquia e dos valores sociais vigentes, caracterizada pelo foco na frugal vida rural e a exclusão da participação na vida política e civil (Leeds, 1982; Paulo, 1998; Pereira, 2010), as populações olhavam com distância e desconfiança nas suas interações com este, percecionando que apenas podiam depender delas mesmas para assegurar condições de vida condignas.

Por outro lado, o impacto do esforço bélico que Portugal enfrentava teve consequências demográficas profundas que moldaram o processo migratório. O recrutamento em massa de jovens em idade ativa ao longo da duração do conflito (envolveu cerca de 1% da população no conflito) levou a que muitos destes procurassem evitar o serviço militar, pela perspetiva de combater uma guerra que encaravam como distante e pelos óbvios riscos físicos e mentais que tal implicava, para o qual a emigração se tornava uma solução natural (Pereira, 2002).

Portanto, foram aqui apresentados de forma bastante sucinta alguns dos principais fatores que contribuíram para a criação da tempestade perfeita que seria o fenómeno da emigração portuguesa para França. A degradação progressiva das condições de vida da população portuguesa, em especial nas zonas mais ruralizadas, fora o fruto de um equilíbrio político que procurava ao mesmo tempo mitigar os efeitos perniciosos da Guerra Colonial e man-

ter intactos os eixos centrais da estrutura social e económica tradicionalista num contexto marcado pela imposição da modernização e da ameaça da emigração.

Votados a uma difícil subsistência pela crescente pressão demográfica e pelo condicionamento das estruturas de poder e interesses locais, cujo zelo pela manutenção das hierarquias sociais tradicionais impunha uma subalternidade e deferência face à população; num clima de grande hostilidade à participação na vida cívica e política e com a possibilidade constante (entre os homens) de uma participação na guerra, foram muitos os portugueses que responderam à chamada vinda de França, pondo a descoberto o falhanço do projeto político e económico salazarista e o profundo atraso de uma nação orgulhosamente só.

## 2 Os portugueses na França do final dos Trinta Gloriosos (1960-1974)

Por volta do início dos anos 60, França encontrava-se no auge do seu período de expansão económica. O rasto de destruição e ruína material e humana deixado pela Segunda Grande Guerra obrigou a um esforço de reconstrução que passava por reerguer um país com um grande défice infraestrutural e industrial, sendo este colmatado a diferentes velocidades durante o período que se estendeu até 1974/1975 (Anido & Freire, 1978; Cross, 1983). A exigência de mão-de-obra para uma reestruturação económica baseada na indústria pesada e nas obras públicas levou à importação de largos contingentes de trabalhadores estrangeiros, motivando-se também em parte devido ao movimento ascendente social e profissional dos franceses e emigrantes de gerações anteriores, e a sua recusa em realizar trabalho que era considerado como sendo bastante duro e mal pago (Anido & Freire, 1978; Noiriél, 1986).

A convulsão trazida pela Guerra da Argélia havia trazido um grande desgaste político e social dentro do Hexágono que se traduzira numa perceção geral negativa da sua ex-colónia, que durante o período inicial de recuperação económica se havia apresentado como a principal fonte de trabalhadores estrangeiros. Ao nível político começou a desenvolver-se a ideia de um repovoamento que assentasse em características vistas como semelhantes ou idênticas com o conjunto francês: a população portuguesa, de raízes católicas e europeias, era bem vista como uma opção para reconstruir França e contrabalançar a opção norte-africana, presupondo uma assimilabilidade mais fácil (Pereira, 2012).

A falta de vínculos históricos de relevo desempenhou um papel importante na estimulação/aceitação da imigração portuguesa. Para além das supostas semelhanças étnicas e religiosas, as feridas em aberto causadas pelo conflito bélico com o ex-território colonial que convidavam ao distanciamento estavam ausentes do seu passado com Portugal. A última experiência contenciosa de significância distava cerca de centena e meia de anos (Invasões Napoleónicas) (Cordeiro, 1989, 1997a; Hily & Cordeiro, 1999; Poinard, 1993), o que promovia a aproximação a um país que era percecionado como distante geográfica e economicamente.

Os imperativos económicos e demográficos das autoridades gaulesas em relação ofuscaram as considerações de índole social. Durante os Trinta Gloriosos, a ausência de um plano de assistência e integração destes trabalhadores imigrantes ao nível estatal levou a que os esforços de assistenciais iniciais ficassem a cabo de associações de índole civil e/ou religiosa, ficando especialmente visível na lentidão da tomada de ação “de cima” em relação aos problemas habitacionais (Weil, 2005; Volovitch-Tavares, 2006b).

A destruição de infraestruturas durante a guerra acentuou o crónico problema de habitação francês, que não conseguiu dar resposta às necessidades dos trabalhadores imigran-

tes (e das suas famílias) que chegavam em grande número a variadas zonas urbanas, entre as quais se destacou a região parisiense. Durante o período dos Trinta Gloriosos, a impossibilidade de acesso a habitações condignas levou à criação de extensos bairros de lata por toda a *banlieue* parisiense, agregando conjuntos de vários milhares de imigrantes (na sua maioria ilegais) (Dewitte, 2005; Gastaut, 2006). No caso português, entre os quais cerca de metade se fixou na região parisiense (Leandro, 1995), emergiu o infame bairro de lata de *Champigny*, que chegou a albergar mais de 10 mil portugueses na década de 60 e se constituiu como o maior da cidade (Volovitch-Tavares, 1997).

Para além da questão habitacional, o desconhecimento da generalidade dos portugueses face às dinâmicas funcionais da realidade francesa e a sua ausência geral de qualificações profissionais e habilitações (Cordeiro, 1997a; Volovitch-Tavares, 2006b) agravaram ainda mais o seu processo de inserção na sociedade de acolhimento, acentuando a sua condição fragilizada. A língua constituía logo à partida um entrave significativo à adaptação, uma vez que apenas uma ínfima parte dos emigrantes possuíam conhecimentos de francês. Para além disso, as articulações dos trâmites administrativos e legais franceses eram uma incógnita para o português recém-chegado, enquanto os imigrantes magrebinos não partilhavam dessa falta de experiência devido ao seu passado e enquadramento colonial (Cordeiro, 1997b).

Neste sentido, o forte pendor de solidariedade interna dentro da comunidade vai servir como um paliativo para este choque sociocultural, na medida em que as redes de entajuda informais vão desempenhar um papel de grande relevo na fixação e estabelecimento dos emigrantes portugueses. Dada a importância das ligações informais e familiares no processo de emigração portuguesa, muitos dos emigrantes vão procurar acima de tudo o elemento de familiaridade num contexto que lhes é em grande parte estranho, articulando-se entre si na facilitação do acesso ao trabalho, habitação e na interação com as autoridades civis (Cordeiro, 1997a; Hily & Cordeiro, 1999; Volovitch-Tavares, 2002), no qual Victor Pereira (2010) denominou de sociedade-providência dentro de outra sociedade.

### 3 Para os lados do Reno: Colmar e a Alsácia no quadro da emigração portuguesa

Longe das zonas contíguas de maior concentração portuguesa (Poinard, 1993) encontramos na zona mais oriental do Hexágono a região histórica da Alsácia. As influências históricas dos reinos francos e germânicos pautaram a rica história desta região transfronteiriça, com a integração no Reich Alemão entre 1871 e 1918 e depois entre 1940 e 1945 emergindo como uma faceta recente de um processo complexo que resultou numa síntese cultural franco-germânica (toponímia, gastronomia, arquitetura) que é única no território francês. Descrita adequadamente como o entroncamento da Europa pela sua localização e características geográficas e orológicas, esta região que cruza as principais artérias fluviais e viárias europeias (Bischoff, 2015) cedo se constituiu como uma região de imigração principalmente pela sua riqueza económica: tipicamente uma região dotada de solos férteis e tradicionalmente reputada pela sua pujante industrialização característica das regiões circundantes do Reno, a Alsácia era no início do período contemporâneo um polo de atração para as populações transfronteiriças (Frey, 2009).

O fluxo massivo de trabalhadores estrangeiros decorrente do movimento de recuperação económica francesa no pós-guerra não encontrou reflexão igual na Alsácia (Noiriel, 1986; Frey, 2009), que espelhou de forma algo tímida a entrada de trabalhadores magrebinos característica desde período inicial e até 1954 preservava a sua lógica migratória transfronteiriça. É na viragem para os anos 70 que a incidência migratória alsaciana começa a acelerar como fruto das migrações portuguesa e turca, vendo a sua população estrangeira crescer ao dobro do ritmo do país entre 1968 e 1975 (62% versus 31%) (ORIV, 2007). Em 1975, a maioria da população estrangeira na Alsácia (70%) provinha dos países que correspondiam de grosso modo à bacia mediterrânica (Itália, Espanha, Argélia, Portugal, Marrocos), sendo que em termos absolutos esta triplicou entre 1955 e 1974 (34 para 106 mil) (Frey, 2009).

Ao contrário da imigração turca, um pouco mais tardia e também mais prolongada no tempo, a imigração portuguesa destaca-se pela sua focalização e intensidade temporal, tendo verificado o grosso do seu crescimento entre 1968 e 1975 (Frey, 2009). António Martins (1989) aponta que este *boom* migratório no final de 1970 já tinha fixado cerca de 10 mil portugueses, sendo que em 1974 este número iria subir para mais de 16 mil, tornando esta numa das maiores comunidades estrangeiras da região durante as décadas seguintes (Frey, 2009; Idiri, 1997).

O franco crescimento da indústria alsaciana durante os anos 60 e a primeira metade dos anos 70, fazendo-se principalmente a partir do florescimento da indústria automóvel (Ci-

tröen e Peugeot em Mulhouse, General Motors em Estrasburgo) e da indústria metalúrgica (Liebherr e Timken em Colmar), tiveram na sua base um forte investimento estrangeiro que também contribuiu para a introdução de novas técnicas e métodos de produção que haviam sido fortemente descurados durante o conturbado período anterior de crise e de guerra. As necessidades de reconstrução e expansão da região a nível infraestrutural e industrial e a carência de mão-de-obra local (a devastação humana e material causada pela guerra foi particularmente intensa na Alsácia) obrigou a uma forte importação de trabalhadores braçais estrangeiros (Vogler & Hau, 1997).

Neste sentido, a maior incidência migratória verificar-se-ia nas aglomerações urbano-industriais de Mulhouse, Colmar e Estrasburgo, que absorveram a maior parte deste contingente geral durante o período em estudo. No departamento mais industrializado da Alsácia (Alto Reno),<sup>6</sup> no qual 56% da população ativa estava empregada no setor secundário, cerca de metade dos portugueses que para aí emigraram até 1975 (por volta de 8000) encontraram em Colmar o seu ponto de fixação, provindo maioritariamente do Norte e do Ribatejo (especificamente com uma grande incidência de Coruche) (Frey, 2009).

---

<sup>6</sup> A Alsácia encontra-se dividida em dois departamentos: Alto-Reno a Sul (que inclui Colmar e Mulhouse) e Baixo-Reno a Norte (que tem como a maior urbe Estrasburgo). No caso português, a sua maioria (cerca de 8600) encontrava-se no Baixo-Reno (dos quais a grande maioria se tinha fixado em Estrasburgo).

## 4 Os portugueses de Colmar

Os primeiros portugueses de Colmar haverão chegado ainda na década de 1950, intensificando-se progressivamente a sua chegada a partir do final da década seguinte. De acordo com um dos entrevistados (Carlos Rodrigues, de Coruche), cujo pai se estabeleceu na vila em 1963, um jornalista português que depois teria emigrado para os Estados Unidos faria parte desse primeiro grupo de portugueses. Outro dos entrevistados (Sr. Artur, de Coimbra) relata que o seu irmão mais novo haveria chegado entre 1964 e 1965, “altura em que só havia um ou dois de Coruche”. Ainda que não tenha sido possível aferir com precisão o ponto inicial da presença portuguesa em Colmar, as informações recolhidas junto do Presidente da FAPA (António de Sousa) permitem desenhar um esboço das principais vagas migratórias para Colmar durante o período em estudo.<sup>7</sup>

Em primeiro lugar, a primeira migração de carácter organizado terá sido originária da região de Castelo Branco, tendo lugar antes do segundo quartel dos anos 60. Dessa “primeira emigração”, sobressai um nome que será essencial para compreender a agregação da comunidade portuguesa (e que será abordado mais tarde): Manuel Dias Vaz.<sup>8</sup> Em segundo lugar, e tendo começado entre 1963 e 1965, tem início uma emigração proveniente do concelho de Coruche, que traria provavelmente o maior contingente populacional (por representação regional). Um dos seus precursores terá sido um senhor chamado Francisco Aço, que depois difundiria junto dos seus conterrâneos as oportunidades em França quando voltava a Coruche. Por fim, no início dos anos 70, teve início uma forte corrente migratória originária da região da Póvoa do Varzim.

No geral, todos estes ciclos prolongaram-se para além de 1974 e funcionaram numa lógica do “passa-a-palavra”, em que a atração migratória se constituía essencialmente por uma cadeia de base aldeã e familiar (Rocha-Trindade, 1973; Portela & Nobre, 2001): a totalidade dos entrevistados afirma ter vindo para França devido ao conhecimento ou influência exercida por alguém no seu círculo social próximo, nomeadamente ao nível familiar.

Os dados analisados por Rosa Silva (1991) em relação à emigração legal para a área consular de Estrasburgo permitem corroborar e também complementar estas afirmações,<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> FAPA: Federação das Associações Portuguesas da Alsácia. Esta associação será abordada um pouco mais abaixo.

<sup>8</sup> Conhecido entre os portugueses (entrevistados) como Manuel Vaz Dias, o seu nome aparece oficialmente nas suas produções académicas e literárias como Manuel Dias Vaz.

<sup>9</sup> O Consulado Português de Estrasburgo abrange a região da Alsácia, mas também departamentos da região da Franche-Comté (Belfort, Haute-Saône, Doubs) e da Lorena (Vosges).



identificando primeiramente, uma ligeira emigração singular masculina de caráter predominantemente clandestino de idades superiores a 40 anos até 1966/8, tomando a partir daí uma dimensão quantitativa e qualitativa bastante diferente. Esta alteração de dinâmicas caracterizou-se por uma forte intensificação de partidas masculinas seguidas (em 1970) de uma intensa presença migratória de mulheres e crianças, no que constituiria uma alteração para um tipo de emigração predominantemente familiar (o que é parcialmente confirmado tendo em conta a amostra dos emigrantes entrevistados).

Na obra de Georges Breuner (2014) sobre Colmar nos anos 50 e 60 relevam-se dois eventos que permitem marcar de uma forma mais ou menos precisa o ponto de viragem da emigração portuguesa: em meados de 1964, as emigrações portuguesa e espanhola ultrapassam a italiana em número de chegadas; no início de 1967 já se contavam oficialmente 253 portugueses (e 655 espanhóis) a residir na vila. Tendo em conta as informações elencadas nos parágrafos anteriores, temos condições para afirmar que é a partir de 1967/8 que a emigração portuguesa para Colmar começa a tomar contornos significativos, no qual o dinamismo de base associativista e de entreajuda vão ser a sua principal mostra e cuja figura pioneira terá sido Manuel Dias Vaz.

À luz de uma entrevista dada à Rahmi em 2009,<sup>10</sup> Manuel Dias Vaz relata, tendo como pano de fundo a sua história de vida, as circunstâncias que levaram a que se tornasse “rapidamente uma pessoa de referência” dentro da comunidade portuguesa de Colmar (Viader, 2009), o que nos providencia com dados essenciais para perceber os primeiros anos de formação da comunidade portuguesa. Originário de Castelo Branco e partindo clandestinamente para França em outubro de 1964 (com 18 anos) essencialmente por razões políticas, Manuel Dias Vaz estabeleceu-se primeiro em Lyon, tendo lá ficado até agosto de 1965 (Viader, 2009).

A sua mudança para Colmar dá-se nesse verão, aquando de uma visita de férias laborais ao tio e ao irmão mais novo que lá se tinham fixado. Tendo-se deparado com a solidez, a organização e a solidariedade da pequena comunidade portuguesa (de 50 a 60 portugueses) que se tinha estabelecido à volta de um *chantier* de obras públicas e que estava alojada em barracas de madeira (construídas para dar vazão à procura por alojamento depois da destruição causada pela guerra); e cativado pela ligação aos seus familiares, Manuel decidiu deixar o isolamento que pautava a sua vida em Lyon e logo se empregou na empresa onde trabalha-

---

<sup>10</sup> Rahmi: associação fundada em 2007 e presidida pelo próprio Manuel Dias Vaz até 2018, a Rede de Atores da História e da Memória da Imigração na Nova Aquitânia (Réseau des acteurs de l’histoire et de la mémoire de l’immigration en Nouvelle-Aquitaine) dedica-se à valorização e promoção da história e da memória da integração, tendo uma atualização da imagem da imigração que contribua para uma melhor vida em sociedade. Rahmi (n.d.). *Présentation de l’Association*. <https://www.rahmi.fr/presentation>

vam aqueles últimos, fruto da forte procura por mão-de-obra que caracterizava a economia alsaciana daqueles tempos (Viader, 2009).

A presença de solidariedade entre a comunidade portuguesa de Colmar evocou em Manuel esta mudança, e cedo as competências linguísticas adquiridas aquando da experiência laboral anterior entre trabalhadores magrebinos, o catapultaram para um lugar de destaque dentro da comunidade portuguesa.<sup>11</sup> O facto de ser um dos “que dominava melhor, com todos os defeitos possíveis e imaginários, a língua francesa”, tornou-o numa espécie de “intérprete ou de mediador (...) entre os chefes de equipa e a comunidade portuguesa” (Viader, 2009), algo que foi confirmado pelos entrevistados. Esta solicitação constante e o seu sentido de dever em relação aos seus compatriotas, que se havia desenvolvido já desde os tempos de Portugal em que fazia parte de um sindicato ilegal e de uma banda filarmónica, levaram a que ele se destacasse como um responsável do coletivo e da ação coletiva portuguesa.

A centralidade da sua participação no diálogo com a sociedade francesa imbricará no seu envolvimento profundo na emergência das principais estruturas associativas ligadas à comunidade portuguesa, o que tem lugar a dois tempos: Manuel Dias Vaz passará cerca de um ano (entre o início de 1967 e 1968) em Le Havre a fazer uma formação profissional, regressando a Colmar numa altura em que a “comunidade portuguesa se começava a organizar” e o seu apoio era mais uma vez solicitado, voltando a desempenhar um papel importante no seio da comunidade até 1971 (Viader, 2009).

Ao nível associativo, a oficialização do Centro Português de Colmar torna-se efetivamente possível pela sua ligação às estruturas religiosas locais. De acordo com as informações obtidas, este ter-se-á estabelecido primeiramente entre 1967 e 1968 na 14 Rue des Cloches (ao pé da atual Câmara Municipal),<sup>12</sup> num espaço pequeno e antigo onde se reunia um pequeno grupo de portugueses que discutiriam sobre assuntos afetos à comunidade, no qual se incluía Manuel Dias Vaz. A ideia inicial da sua criação não terá sido sua, mas a sua afiliação ao Conselho Paroquial da Catedral de Colmar (Saint-Martin) (Viader, 2009) guarneceu-lhe o apoio necessário junto dos padres para proceder à sua oficialização,<sup>13</sup> que aparece gravada num quadro da atual sede (figura 1) como sendo 20 de novembro de 1969: os seus sócios

---

<sup>11</sup> Podemos desenhar uma analogia com o exemplo das redes de solidariedade desenvolvidas entre os emigrantes de Queiriga estudados por Maria Beatriz Rocha-Trindade. O facto de um reduzido número de emigrantes partilhar um espaço habitacional conjunto num espaço que lhe é desconhecido tornou necessário a manutenção de uma forte coesão dentro do seu pequeno núcleo, levando a um reforço de laços entre os seus membros (muitas vezes de carácter familiar ou de proveniência comum), isto é, o desenvolvimento de uma identidade e ação coletiva. Ver Rocha-Trindade, Maria Beatriz (1973), *Les Immigrés Portugais*, Lisboa, Edições ISCSPU.

<sup>12</sup> Não é possível obter com exatidão a data de fundação, dada a incerteza temporal que marcou as respostas dos entrevistados (1967 ou 1968).

<sup>13</sup> Alguns dos entrevistados que referiram o Manuel Dias Vaz falaram sobre a sua ligação às estruturas religiosas e a importância da mesma na ação assistencial e associativa.

fundadores foram para além de Manuel Dias Vaz (Presidente, no meio), Filipe Balsa (à esquerda) e Guilhermino Lobeiro (à direita), ambos originários de Coruche.<sup>14</sup>

Em 1970, o Centro iria realocar-se para um edifício que pertencera à Igreja de Saint-Antoine na 54 Route de Neuf-Brisach, que se mantém até aos dias de hoje como a sua sede. De acordo com António de Sousa (entrevistado), esta antiga sala de desporto da escola da Igreja ter-se-ia tornado num estaleiro de animais durante a Segunda Grande Guerra, cabendo aos seus membros a remodelação deste edifício após a sua obtenção.

A fundação do clube de futebol FC Portugais de Colmar, intimamente ligado ao Centro, poderá ter precedido a fundação oficial do último, uma vez que a data da sua criação aparece fixada em 1967.<sup>15</sup> Ainda que as informações recolhidas entre antigos membros da direção do clube apontem vincadamente para a sua vinculação ao Centro, não existem informações concretas que provem diretamente esta ligação no momento da fundação, dada a incongruência das datas de fundação.

É possível, contudo, formular uma hipótese que agregue todos estes dados de forma congruente: o Centro e o Futebol terão começado a funcionar de forma informal ainda em 1967 na Rue des Cloches, dado ser este o local também descrito como a primeira sede do FC Portugais. A estreita associação ficou de qualquer forma espelhada na composição administrativa inicial do clube: a criação e presidência do clube coube a Filipe Balsa, a secretaria estaria a cabo de Manuel Dias Vaz e a tesouraria nas mãos de Carlos Rodrigues.<sup>16</sup>

Por falta de meios, a equipa disputaria até 1971 um campeonato informal que reuniria equipas de associações estrangeiras, tendo a partir daí se oficializado na LAFA e começado a disputar o campeonato regular.<sup>17</sup> As informações recolhidas entre antigos jogadores e dirigentes permitem ter uma noção da forte ligação entre a comunidade e o clube de futebol: a composição da equipa principal agregava portugueses de primeira e segunda geração, inclu-

---

<sup>14</sup> Esta terá sido uma das primeiras associações portuguesas em França, uma vez que não estavam recenseadas mais do que 23 associações em 1971 no Serviço de Programação e Apoio às Comunidades (SPAC) da Secretaria de Estado da Emigração. Poinard, Michel, e Marie-Antoinette Hily (1983), "Réseaux informels et officiels dans la communauté portugaise en France", *Espace, populations, sociétés*, 2, pp. 57-68.

<sup>15</sup> Uma revista (possivelmente agregando informações de clubes de futebol) ainda não identificada (obtida na página do Facebook do clube) dedica duas páginas em relação à história do FC Portugais de Colmar, datando a sua fundação em 1967.

<sup>16</sup> O artigo de revista corrobora as informações providenciadas por Carlos Rodrigues. A sua vinculação duradoura ao clube (durante mais de 30 anos) é tanto afirmada por ele próprio como no artigo, encaixando a sua data de chegada a Colmar (1967) com a integração na administração fundadora do clube.

<sup>17</sup> LAFA: Liga da Alsácia de Futebol Amador (*Ligue d'Alsace de Football Amateur* em francês). O trabalho de Koebel e Gasparini, que se baseou essencialmente em dados da LAPA, parece confirmar (ainda que de forma errónea, uma vez que atribui esta data à da fundação) a entrada do FC Portugais de Colmar nos registos da Liga em 1971. Gasparini, William e Michel Koebel (2017), "Le football communautaire : enquête dans les clubs alsaciens, France", *Sciences de la société*, 101, pp. 144-167.

indo jogadores profissionais que haviam feito a sua formação em clubes da primeira e segunda divisão nacional portuguesa. O relativo alto nível apresentado pelos jogadores levou a uma grande competição pela integração na primeira equipa, o que se apresentava como um símbolo de distinção e reconhecimento dentro da comunidade.

Ao nível assistencial, a dinamização da ASTI em Colmar também envolveu o profundo contributo de Manuel Dias Vaz,<sup>18</sup> tendo assumido a função de vice-presidente devido à impossibilidade legal de pertencer à administração.<sup>19</sup> Sobre as funções da ASTI, as informações providenciadas pelos entrevistados permitem perceber algumas das dimensões de assistência aos imigrantes. De acordo com António de Sousa (entrevistado), esta seria gerida por uma senhora (Madame Maugene) e por Manuel Dias Vaz, estando sediada num local por baixo do antigo edifício da polícia que também serviria como depósito de mobílias e camas, que seriam distribuídas por quem necessitasse. No fundo, todos os serviços que contribuíssem para a instalação dos imigrantes na nova sociedade de acolhimento (alojamento, trabalho e “papelada”) seriam aqui providenciados de uma maneira mais formal.

Neste sentido, o testemunho de Manuel do Carmo (entrevistado) traz à luz a existência de um centro de acolhimento que poderia fazer parte das prerrogativas da ASTI, uma vez que teria na sua organização Manuel Dias Vaz, um padre e uma assistente social.<sup>20</sup> Na sua chegada a Colmar em janeiro de 1970, vendo-se sem a possibilidade nem o dinheiro para encontrar alojamento, dormiu alguns dias na rua até ter conhecido um compatriota que o levou até ao centro de acolhimento e o introduziu à assistente social, que pela soma de 5 francos mensais lhe providenciou um quarto partilhado onde tinha direito a uma cama com cobertores e lavagem de roupa até que encontrasse trabalho,<sup>21</sup> e mediante a prestação de ajuda com a manutenção do aquecimento.

Por fim, a fundação da Federação das Associações Portuguesas da Alsácia também ficou indelevelmente ligada a Manuel Dias Vaz. A ideia da sua criação surgiu durante um inédito encontro entre os portugueses da Alsácia organizado pelo mesmo e pelo capelão dos portugueses em 1968, fruto da dinamização da esfera associativa nesta região. A emergência de inúmeras associações por toda a Alsácia (Estrasburgo, Mulhouse) convidava a uma agregação

---

<sup>18</sup> Apesar de Manuel Dias Vaz atribuir a fundação da Asti de Colmar em 1968, o site oficial aponta para 1964. Contudo, podemos inferir que a sua declaração sobre “a existência de todo um núcleo” (Viader, 2009) antes da sua entrada na Asti como esse preâmbulo a um funcionamento mais dinâmico da associação. ASTI de Colmar. (n.d.). Fasti. Retrieved March 25, 2022, from <https://www.fasti.org/ASTI-de-Colmar>

<sup>19</sup> Decreto de Vichy de 1939 que proibia estrangeiros de fazer parte da administração de uma associação francesa e limitava o seu direito de associação.

<sup>20</sup> Não me foi possível precisar se seria a mesma pessoa que a Madame Maugene, mas seria bastante possível que este centro de acolhimento estivesse enquadrado nas prerrogativas da ASTI.

<sup>21</sup> Pelo salário relatado pelos entrevistados, isto seria equivalente à soma auferida horariamente pelos trabalhadores.

formalizada destas diferentes comunidades, tendo a sua efetivação lugar entre o final de 1969 e o início de 1970 e a presidência ficando à sua responsabilidade (Viader, 2009).

E foi também o peso de todas essas responsabilidades e protagonismo que eventualmente levaram a uma reflexão profunda sobre o seu papel dentro da comunidade. Sentindo-se acorrentado pelas responsabilidades que tinha assumido e querendo romper com a sacralização que se estava a formar à volta da sua figura (de naqueles anos “quando se falava da imigração ou dos portugueses, ser sempre ele, de se tornar a personagem” principal), decidiu deixar definitivamente Colmar em 1971, abraçando um projeto de desenvolvimento da ASTI de Nantes (Viader, 2009).

Figura 1 **Quadro dos sócios fundadores do Centro Português de Colmar**



Fonte Fotografia tirada pelo autor.

Figura 2 **O interior da sede atual do Centro, localizada na Route de Neuf-Brisach**



Fonte Fotografia tirada pelo autor.



Figura 3 A equipa principal do FC Portugais de Colmar na época 1970/1971

Fonte Fotografia tirada pelo autor.

## Notas finais

Concluindo, é assim que se põe como termo final temporal a uma primeira tentativa de esboçar a história do início da formação da comunidade portuguesa na Alsácia. Nesta, as combinações de fatores circunstanciais de variados níveis levaram a que a dinamização e organização desta comunidade acabassem por se individualizar em torno de Manuel Dias Vaz.

Em primeiro lugar temos as necessidades económicas e demográficas da zona de Colmar e da Alsácia, bem como a composição da força de trabalho portuguesa: o défice populacional e infraestrutural que o peso da guerra importou na região (Frey, 2009, Vogler & Hau, 1997) e que se começou a fazer sentir com mais força com o acelerar da industrialização e do desenvolvimento das suas principais infraestruturas nos anos 60, levou à materialização de uma imigração essencialmente caracterizada pela sua baixa qualificação e alfabetização, à semelhança do panorama nacional. Esta que, no caso português se foi alargando de acordo com as redes informais de emigração estabelecidas com base em algumas localidades espalhadas pelo país, seguindo o modelo tradicional de atração verificado noutras zonas de França (Hily & Poinard, 1983; Portela & Nobre, 2001; Rocha-Trindade, 1973), criou inicialmente um pequeno núcleo de trabalhadores imigrantes isolados da sociedade francesa.

A chegada inicial de alguém com um nível mais elevado do conhecimento da língua francesa e com uma experiência anterior organizativa (participou num grupo folclórico e num sindicato ilegal) a esta pequena comunidade significou a possibilidade de uma abertura e posterior desenvolvimento e organização. A sua boa vontade e a solicitação dos seus compatriotas, ao que se juntou o desenvolvimento de ligações com algumas estruturas da sociedade local (Asti, Igreja) impeliram-no para um lugar de destaque dentro da comunidade. Às funções de porta-voz, intérprete, e mediador agregaram-se às das direções das principais instituições ligadas à vida dos portugueses no período, prova do seu papel-chave no avanço e articulação da comunidade.

A memória dos emigrantes de primeira geração reforça a centralidade inequívoca de Manuel Dias Vaz dentro do panorama histórico: o seu nome foi uma constante nas respostas dadas sobre os primeiros tempos da emigração. A sua dedicação à causa da comunidade ficou imortalizada memorialmente no apoio que providenciou na integração e instalação dos novos portugueses que chegavam a Colmar, dedicando as horas fora do seu trabalho principal a “arranjar alojamento, trabalho e papelada para os portugueses”.

Ainda que uma individuação da história inicial dos portugueses de Colmar não faça jus às inúmeras figuras da comunidade que terão contribuído também de forma importante para a sua estruturação, a disciplina da História depende no seu âmago de fontes para uma re-



construção precisa e fiel do passado. Neste sentido, a memória da emigração para Colmar é essencialmente oral, estando condicionada pelas limitações temporais impostas pelas vivências dos entrevistados e pela escassez de fontes documentais relativas ao funcionamento de instituições como o FC Portugais e o Centro dos Portugueses.<sup>22</sup> A este respeito, a possível desvalorização do passado poderá ser um fator a ter em conta: membros atuais e antigos da administração do Centro relatam que os arquivos foram destruídos no passado por alguém que havia considerado que não teriam uso.

Sendo esta uma investigação em curso, o objetivo estará em democratizar a escrita desta história. A existência de outras estruturas de convívio e sociabilidade, como grupos folclóricos, um grupo de pesca ou a existência de rádios, são potenciais pistas de investigação para o aprofundamento do conhecimento das dinâmicas desta comunidade no seu nível sociocultural. Por outro lado, seria também importante ressaltar que esta história não se fez unicamente no masculino.

Ainda que a emigração feminina essencialmente se tenha feito mais tardiamente num âmbito essencialmente familiar, como fora apresentado anteriormente, os contributos existentes noutros estudos (Leandro, 1995; Portela e Nobre, 2001) e as informações recolhidas relevam o papel “menos visível” desempenhado pelas mulheres: no espaço privado, enquanto estruturadoras e dinamizadoras da vida familiar; e profissional, pela indução de uma maior abertura à sociedade francesa proveniente do desenvolvimento de conhecimentos e interações sociais aquando das suas funções profissionais. Todavia, temos razões para acreditar que a participação feminina na organização inicial da comunidade portuguesa de Colmar terá sido largamente indireta. Um dos entrevistados (José Costa) conta que fora apenas na sua direção (após 1974) que as mulheres passaram a frequentar o Centro dos Portugueses, fruto de uma abertura de mentalidades induzida por esta direção constituída por jovens.

---

<sup>22</sup> A grande maioria dos entrevistados (em consonância com o movimento populacional) chegou a Colmar entre 1969 e 1971, limitando a recolha de informações em primeira mão sobre o período anterior ao mesmo.

## Referências bibliográficas

- Anido, Nayade, e Rubens Freire (1978), *L'émigration Portugaise: Présent et Avenir*, Paris, Presses Universitaires de France.
- Almeida, João Ferreira (1964), "A emigração portuguesa para a França: alguns aspectos quantitativos", *Análise Social*, 7-8, pp. 599-622.
- Almeida, Carlos, e António Barreto (1974), *Capitalismo e Emigração em Portugal*, 2ª ed., Lisboa, Prelo.
- Baganha, Maria Ioannis (1994), "As correntes emigratórias portuguesas no século XX e o seu impacto na economia nacional", *Análise Social*, 128 (4), pp. 959-980.  
<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/40754>
- Barou, Jacques. (1997), "En Auvergne, une immigration portugaise en milieu rural", *Hommes et Migrations*, 1210, pp. 43-59.
- Bischoff, Georges (2015), *Pour en Finir Avec l'Histoire d'Alsace*, Paris, Éditions du Belvédère.
- Braeuner, Gabriel (2014), *Colmar en France: Chronique des Années Cinquante et Soixante*, Paris, Éditions du Belvédère.
- Brettel, Caroline, e Colette Callier-Boisvert (1977), "Portuguese immigrants in France: familial and social networks and the structuring of 'community'", *Studi Emigrazione*, 46, pp. 149-203.
- Condon, Stéphanie (2000), "L'activité des femmes immigrées du Portugal à l'arrivée en France, reflet d'une diversité de stratégies familiales et individuelles?", *Population*, 55 (2), pp. 301-330. DOI: [10.2307/1535035](https://doi.org/10.2307/1535035)
- Cordeiro, Albano (1989), "Le paradoxe de Immigration portugaise", *Hommes & Migrations*, 1123, pp. 25-32. DOI: [10.3406/homig.1989.1313](https://doi.org/10.3406/homig.1989.1313)
- Cordeiro, Albano (1997a), "Les apports de la communauté portugaise à la diversité ethno-culturelle de la France", *Hommes et Migrations*, 1210, pp. 5-17.  
DOI: [10.3406/homig.1997.3049](https://doi.org/10.3406/homig.1997.3049)
- Cordeiro, Albano (1997b), *Portugais de France, Citoyens d'Europe: État des Lieux et Avenir: Acte des Assises de la Communauté Portugaise de France, 3 et 4 avril 1993*, Paris, Ed. Acap 77.
- Cordeiro, Albano (2017), "Les portugais de France en tant que sujet de recherche universitaire et contractuelle des années 1970 aux années 2000", *Cahiers de l'Urmis*, 17. DOI: [10.4000/urmis.1444](https://doi.org/10.4000/urmis.1444)
- Costa, André (2011), *Evolução da Previdência Social em Perspectiva Comparada: 1935-1974*, (tese de mestrado, Universidade de Aveiro).

- Cross, Gary (1983), *Immigrant Workers in Industrial France*, Pensilvânia, Temple University Press.
- de Sousa, António (1972), “Os trabalhadores portugueses na Região de Paris: condições de habitação e de trabalho”, *Análise Social*, 9 (33), segunda série, pp. 11-78.
- de Sousa, António (1973), “Trabalhadores portugueses e sindicatos franceses na região de Paris”, *Análise Social*, 10 (39), pp. 508-551.
- Dewitte, Philippe (2005), “1945-1974, les Trente Glorieuses”, *Hommes et Migrations*, 1257, pp. 98-103. DOI: [10.3406/homig.2005.4876](https://doi.org/10.3406/homig.2005.4876)
- Échardour, Annick (1996), “La vie professionnelle des immigrés originaires du Portugal”, *Espace, Populations, Sociétés*, 2-3, pp. 421-430. DOI: [10.3406/espos.1996.1768](https://doi.org/10.3406/espos.1996.1768)
- F.c Portugais de Colmar (2019, March 9), Facebook.  
<https://www.facebook.com/photo/?fbid=109272069151854&set=ecnf.100002071853558>
- F.c Portugais de Colmar (2019, March 9), Facebook.  
<https://www.facebook.com/photo/?fbid=109272085818519&set=ecnf.100002071853558>
- Foucault, Michel (2004), *Sécurité, Territoire, Population: Cours au Collège de France (1977-1978)*, Paris, Seuil.
- Frey, Yves (2009) (org.), *Ces Alsaciens Venus d'Ailleurs: Cent Cinquante Ans d'Immigration en Alsace*, Nancy, Place Stanislas Editions.
- Gasparini, William, e Michel Koebel (2017), “Le football communautaire: enquête dans les clubs alsaciens, France”, *Sciences de la Société*, 101, pp. 144-167.  
DOI: [10.4000/sds.6469](https://doi.org/10.4000/sds.6469)
- Gastaut, Yvan (2006), “Les bidonvilles, lieux d'exclusion et de marginalité en France durant les trente glorieuses”, *Cahiers de la Méditerranée*, 69, pp. 233-250.  
DOI: [10.4000/cdlm.829](https://doi.org/10.4000/cdlm.829)
- Godinho, Vitorino Magalhães (1978), “L'émigration portugaise (XVe-XXe siècles): une constante structurale et les réponses aux changements du monde”, *Revista de História Económica e Social*, 1, pp. 5-32.
- Hily, Marie-Antoinette, e Michel Poinard (1985), “Fonctions et enjeux du mouvement associatif portugais en France”, *Revue Européenne des Migrations Internationales*, 1 (1), pp. 25-35. DOI : [10.3406/remi.1985.963](https://doi.org/10.3406/remi.1985.963)
- Hily, Marie-Antoinette, e Michel Poinard (1997), “Entre France et Portugal, l'attrait du va-et-vient”, *Hommes et Migrations*, 1210, pp. 63-72. DOI: [10.3406/homig.1997.3054](https://doi.org/10.3406/homig.1997.3054)
- Hily, Marie-Antoinette, e Albano Cordeiro (1999), “Les Portugais entre discrétion et reconnaissance”, *Sigila*, 3, pp. 33-46.
- Idiri, Assina (1997), “Les étrangers en Alsace”, *Hommes et Migrations*, 1209, pp. 12-19.  
DOI: [10.3406/homig.1997.3017](https://doi.org/10.3406/homig.1997.3017)

- Jerónimo, Miguel Bandeira (2013), "Portugueses no mundo", em António Costa Pinto e Nuno Monteiro (orgs.), *A Construção Nacional (1834-1890)*, vol. 2, Madrid & Lisboa, Fundación Mapfre/Objectiva, pp. 77-108.
- Kotlok-Piot, Nathalie (1996), "La communauté portugaise de Cerizay (79)", *Espace, Populations, Sociétés*, 2-3, pp. 349-354.
- Leandro, Maria Engrácia (1995), *Au-delà des Apparences: Les Portugais Face à l'Insertion Sociale*, Paris, L'Harmattan.
- Lebon, André (1989), "L'immigration portugaise en France: dossier statistique", *Hommes et Migrations*, 1123, pp. 7-21. DOI: [10.3406/homig.1989.1311](https://doi.org/10.3406/homig.1989.1311)
- Martins, António (1989), "Les portugais d'Alsace : ils sont là pour rester...", *Hommes et Migrations*, 1123, pp. 43-45. DOI: [10.3406/homig.1989.1316](https://doi.org/10.3406/homig.1989.1316)
- Marques, José Carlos, Pedro Gois, Pedro Candeias e Bárbara Ferreira (2019), "França", *OEm Country Reports*, 5, Lisboa, Observatório da Emigração, CIES-IUL, ISCTE-IUL. DOI: [10.15847/CIESOEMCR052019](https://doi.org/10.15847/CIESOEMCR052019)
- "Le mouvement associatif portugais : de l'entraide au sport et au folklore, de la dynamisation à l'interaction..." (1989), *Hommes et Migrations*, 1123, pp. 38-42. DOI: [10.3406/homig.1989.1315](https://doi.org/10.3406/homig.1989.1315)
- Niss, Myriam (1997), "Ces alsaciens d'ailleurs", *Hommes et Migrations*, 1209, pp. 5-11. DOI: [10.3406/homig.1997.3016](https://doi.org/10.3406/homig.1997.3016)
- Noiriel, Gérard (1986), "L'immigration en France, une histoire en friche", *Annales: Economies, Sociétés, Civilisations*, 41 (4), pp. 751-769. DOI: [10.3406/ahess.1986.283311](https://doi.org/10.3406/ahess.1986.283311)
- Observatoire Régional de l'Intégration et de la Ville (2007), *La Presence Etrangere en Alsace et L'Enjeu Linguistique*. [https://www.oriv.org/wp-content/uploads/oriv\\_note\\_presence\\_etrangere\\_alsace\\_langue.pdf](https://www.oriv.org/wp-content/uploads/oriv_note_presence_etrangere_alsace_langue.pdf)
- Oliveira, Luísa Tiago (2010), "A história oral em Portugal", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 63, pp. 139-156.
- Paulo, Heloísa (1998), "Estado Novo e a emigração: alternativas e propostas", *Mathésis*, 7, pp. 291-326. <http://hdl.handle.net/10316.2/23832>
- Pereira, Miriam Halpern (2001), *Diversidade e Assimetrias: Portugal nos Séculos XIX e XX*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- Pereira, Victor (2002), "L'État portugais et les portugais en France de 1958 à 1974", *Lusotopie*, 9, pp. 9-27. [www.persee.fr/doc/luso\\_1257-0273\\_2002\\_num\\_9\\_2\\_1505](http://www.persee.fr/doc/luso_1257-0273_2002_num_9_2_1505)
- Pereira, Victor (2006), "Émigration et politique de main-d'œuvre au Portugal, de 1957 à 1974", *Hommes et Migrations*, 1263, pp. 58-69. DOI: [10.3406/homig.2006.4509](https://doi.org/10.3406/homig.2006.4509)
- Pereira, Victor (2009), "Ineficiência, fragilização e duplicidade: o velho Estado Novo perante a emigração", *Ler História*, 56, pp. 45-68. DOI: [10.4000/LERHISTORIA.1944](https://doi.org/10.4000/LERHISTORIA.1944)

- Pereira, Victor. (2010), "Do povo à comunidade: os emigrantes no imaginário português", em J. Neves (org.), *Como se Faz Um Povo*, Lisboa, Tinta da China, pp. 139-152.
- Pereira, Victor (2012), "Os futebolistas invisíveis: os portugueses em França e o futebol", *Etnográfica*, 16 (1), pp. 97-115. DOI: [10.4000/etnografica.1403](https://doi.org/10.4000/etnografica.1403)
- Pereira, Victor (2014), *A Ditadura de Salazar e a Emigração: o Estado Português e os seus Emigrantes em França (1957-1974)*, Lisboa, Temas e Debates.
- Pereira, Victor (2014), "Les réseaux de l'émigration clandestine portugaise vers la France entre 1957 et 1974", *Journal of Modern European History / Zeitschrift Für Moderne Europäische Geschichte / Revue d'Histoire Européenne Contemporaine*, 12 (1), pp. 107-125. DOI : [10.17104/1611-8944\\_2014\\_1\\_107](https://doi.org/10.17104/1611-8944_2014_1_107)
- Pereira, Victor (2017), "La mémoire de l'émigration portugaise: une mémoire de héros?", *Hommes & Migrations*, 1317-1318, pp. 37-43. DOI: [10.4000/hommesmigrations.3867](https://doi.org/10.4000/hommesmigrations.3867)
- Poinard, Michel (1971), "L'émigration portugaise de 1960 à 1969", *Revue Géographique des Pyrénées et du Sud-Ouest*, 42 (3), pp. 293-304. DOI: [10.3406/rgpso.1971.2282](https://doi.org/10.3406/rgpso.1971.2282)
- Poinard, Michel (1979), *Le Retour des Travailleurs Portugais*, Paris, La Documentation Française.
- Poinard, Michel, e Marie-Antoinette Hily (1983), "Réseaux informels et officiels dans la communauté portugaise en France", *Espace, Populations, Sociétés*, 2, pp. 57-68. DOI: [10.3406/espos.1983.914](https://doi.org/10.3406/espos.1983.914)
- Poinard, Michel (1993), "Bilans et leçons de l'immigration portugaise en France", *Espace, Populations, Sociétés*, 2, pp. 389-398. DOI: [10.3406/espos.1993.1599](https://doi.org/10.3406/espos.1993.1599)
- Portela, João, e Sílvia Nobre (2001), "Entre Pinela e Paris: emigração e regressos", *Análise Social*, XXXVI (161), pp. 1105-1146.
- Rahmi (n.d.), *Présentation de l'Association*. <https://www.rahmi.fr/presentation>
- Rocha-Trindade, Maria Beatriz (1973), *Les Immigrés Portugais*, Lisboa, Edições ISCSPU.
- Silva, Rosa (1991), "Dois casos exemplificativos da emigração portuguesa desde 1966 à actualidade", *Revista da Faculdade de Letras: Geografia*, 7, pp. 5-39.
- Serra, Eduardo (1975), "O operário emigrante português na sociedade industrial capitalista", *Análise Social*, 11 (41), pp. 67-102.
- Serrão, Joel (1970), "Conspecto histórico da emigração portuguesa", *Análise Social*, 18 (32), pp. 597-617.
- Serrão, Joel (1982), *A Emigração Portuguesa: Sondagem Histórica*, 4ª ed., Lisboa, Livros Horizonte.
- Serrão, Joel (1985), "Notas sobre a emigração e mudança social no Portugal contemporâneo", *Análise Social*, 21 (87-88-89), pp. 995-1004.
- Valério, Nuno (org.) (2001), *Estatísticas Históricas Portuguesas*, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística. <https://www.ine.pt/xurl/pub/138364>

- Vaz, Manuel Dias (2013), "Histoire d'une immigration portugaise: le rôle de la région Aquitaine", *Hommes & Migrations*, 1302, pp. 154-156.
- Viader, Aurélie (2009), Manuel Vaz Dias (Partie 1), *Rahmi*. <https://www.rahmi.fr/collecte-memoire-orale/portugais-en-aquitaine/manuel-dias-vaz-partie-1#>
- Viader, Aurélie (2009), Manuel Vaz Dias (Partie 2), *Rahmi*. <https://www.rahmi.fr/collecte-memoire-orale/portugais-en-aquitaine/manuel-dias-vaz-partie-2>
- Vogler, Bernard e Michel Hau (1997), *Histoire Économique de l'Alsace: Croissance, Crises, Innovations: Vingt Siècles de Développement Régional*, Estrasburgo, La Nuée Bleue.
- Volovitch-Tavares, Marie-Christine (1995), "Les Portugais dans la région parisienne depuis la fin de la Deuxième Guerre mondiale jusqu'en 1974", em A. Marès e P. Milza (orgs.), *Le Paris des Étrangers Depuis 1945*, Paris, Editions de La Sorbonne, pp. 95-120.  
DOI: [10.4000/books.psorbonne.965](https://doi.org/10.4000/books.psorbonne.965)
- Volovitch-Tavares, Marie-Christine (1997), "Du temps des baraques au temps de la mémoire retrouvée", *Hommes et Migrations*, 1210, pp. 18-31. DOI: [10.3406/homig.1997.3050](https://doi.org/10.3406/homig.1997.3050)
- Volovitch-Tavares, Marie-Christine (2002), "Les Portugais des Trente Glorieuses", *Plein Droit*, 55 (4), pp. 3-6.
- Volovitch-Tavares, Marie-Christine (2006a), "L'immigration des Portugais en France, une histoire de paradoxes et de contrastes", *Exils et Migrations Ibériques au XXe siècle*, 2, pp. 57-102. DOI: [10.3406/emixx.2006.1082](https://doi.org/10.3406/emixx.2006.1082)
- Volovitch-Tavares, Marie-Christine (2006b), "Les travailleurs immigrés portugais des Trinte Glorieuses", *Hommes et Migrations*, 1263, pp. 70-83. DOI: [10.3406/homig.2006.4510](https://doi.org/10.3406/homig.2006.4510)
- Weil, Patrick (2005), *La République et sa Diversité: Immigration, Intégration, Discrimination*, Paris, Seuil.
- Williams, Jerry (1982), *And Yet They Come: Portuguese Immigration from the Azores to the United States*, Nova Iorque, Center for Migration Studies.





# Observatório da Emigração

O Observatório da Emigração é uma estrutura técnica e de investigação independente integrada no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Iscte, Instituto Universitário de Lisboa, onde tem a sua sede. Funciona com base numa parceria entre o Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, do Iscte, o Centro de Estudos Geográficos, da Universidade de Lisboa, o Instituto de Sociologia, da Universidade do Porto, e o Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações, da Universidade de Lisboa. Tem um protocolo de cooperação com o Ministério dos Negócios Estrangeiros.

---

|                |   |
|----------------|---|
| <b>Série</b>   | OEm Working Papers, 09  |
| <b>Título</b>  | Emigração portuguesa para Colmar durante o Estado Novo: a organização de uma comunidade |
| <b>Autores</b> | Francisco Esteves   |
| <b>Editor</b>  | Observatório da Emigração, CIES, Iscte, Instituto Universitário de Lisboa               |
| <b>Data</b>    | Abril de 2022   |
| <b>ISSN</b>    | 2183-5438 (online)  |
| <b>DOI</b>     | 10.15847/CIESOEMWP092022  |
| <b>URI</b>     |   |

---

**Como citar** Esteves, Francisco (2022), “Emigração portuguesa para Colmar durante o Estado Novo: a organização de uma comunidade”, *OEm Working-Paper*, 9, Observatório da Emigração, CIES, Iscte, Instituto Universitário de Lisboa. DOI: 10.15847/CIESOEMWP092022

---

[www.observatorioemigracao.pt](http://www.observatorioemigracao.pt)

**cies** \_iscte  
Centro de Investigação  
e Estudos de Sociologia

**IGOT** Instituto de Geografia  
e Ordenamento do Território  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

**IS** INSTITUTO DE  
SOCIOLOGIA  
U(POR)TO



**REPÚBLICA  
PORTUGUESA**  
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

**COMUNIDADES  
PORTUGUESAS**